

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

ISABELLA PERPETUO CORNACCHIONI

A ARTE COMO DISPOSITIVO CLÍNICO:
O COLETIVO *PAGODE NA LATA*, A REDUÇÃO DE DANOS E A PROMOÇÃO
DE SAÚDE NO CONTEXTO DA "CRACOLÂNDIA"

SÃO PAULO
2023

ISABELLA PERPETUO CORNACCHIONI

A ARTE COMO DISPOSITIVO CLÍNICO: O COLETIVO *PAGODE NA LATA*, A
REDUÇÃO DE DANOS E A PROMOÇÃO DE SAÚDE NO CONTEXTO DA
"CRACOLÂNDIA"

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Sergio Wajman.

RESUMO

Palavras-chave: Pagode na Lata; arte; "Cracolândia"; música; samba; redução de danos; saúde mental; clínica; cartografia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. METODOLOGIA

3.1 Participantes

3.2 Instrumentos

3.3 Procedimentos

3.4 Previsão de Análise

3. CRONOGRAMA

4.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5. APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

6. ANEXO

DIÁRIO DE CAMPO

1. INTRODUÇÃO

1. TEMA

O trabalho busca investigar como o coletivo Pagode na Lata, através da música, funciona como um dispositivo clínico, que promove redução de danos e têm um papel terapêutico naqueles que estão ouvindo e participando ativamente das rodas, mais especificamente, nas pessoas que se encontram no que conhecemos como "Cracolândia", localizada no território do Campos Elíseos.

1.1 O território: Campos Elíseos e a "Cracolândia"

A "Cracolândia", como é comumente conhecida, fica no território dos Campos Elíseos, bairro entre a Barra Funda e o Bom Retiro, caracterizado pela diversidade de áreas distintas que a constituem, com locais, modos de moradia e questões sociais bem diversas.

O Campos Elíseos é um bairro com uma rica história. Sua origem data do final do século XIX, quando foi planejado como uma área residencial de luxo. Era considerado um dos bairros mais prestigiados da cidade, com mansões luxuosas e uma população de elite. Sua arquitetura e paisagismo eram influenciados por modelos europeus, refletindo a prosperidade e o crescimento da capital paulista nessa época.

A partir das décadas de 1950 e 1960, os Campos Elíseos começaram a experimentar um processo de transformações devido à expansão urbana e à construção de novas avenidas, à desindustrialização e ao esvaziamento de imóveis, e a mudanças socioeconômicas.

Antes da Cracolândia, a área ao redor da estação ferroviária da Luz ficou conhecida como "Boca do Lixo". Esse nome pejorativo se tornou popular nas seções policiais dos jornais nos anos cinquenta, devido à presença de prostituição e criminalidade.

Nos anos que se seguiram, as empresas e a classe média se mudaram para áreas mais novas da cidade, o terminal rodoviário da Luz foi desconectado e os restaurantes e hotéis perderam grande parte da sua clientela, baixando os preços. A região deixou de ser valorizada e cuidada.

Em 1989, o crack entra em cena nas ruas de São Paulo. Inicialmente, seu uso era disperso, porém, no final dos anos 90 o chamado fluxo se formou. A "Cracolândia", como é

conhecida nacional e internacionalmente, se instalou na zona degradada e desvalorizada junto à estação da Luz.

A história do Campos Elíseos e a formação da "Cracolândia" refletem as dinâmicas complexas e contrastantes do desenvolvimento urbano de São Paulo

Segundo os dados do último levantamento da "Cracolândia", em junho de 2021, antes da grande operação policial de dispersão de maio de 2022, 1.343 pessoas frequentavam o fluxo a cada dia. (LÓPEZ, 2023)

A Cracolândia é um dos espaços de maior disputa política e, apesar de tanto a mídia como os governos falarem do crack, devemos lembrar que este território é uma periferia no centro de São Paulo, com sua população majoritariamente formada por pretos (de 80 a 90%), por egressos do sistema carcerário (de 70 a 80%). A população que a sociedade excluiu se junta como estratégia de proteção, o crack vem para a grande maioria depois de toda a exclusão sofrida (30% dos frequentadores da Cracolândia só moram lá, mas não consomem crack). - <http://www.escobarr.com/pagode-na-lata.html>

1.2 Pagode na Lata: a "Cracolândia" para além da droga

O Pagode na Lata é um projeto que surgiu através da articulação entre diversos trabalhadores, ex-trabalhadores, frequentadores e usuários da região da "Cracolândia". A proposta do coletivo reúne a geração de renda, através da Economia Solidária; a redução de danos, através do samba; e o direito à felicidade e à loucura, através da arte. É um projeto cultural-educacional sobre redução de danos, que acredita no samba como prática e insumo de redução de danos, de criação de vínculos e de afirmação de subjetividades. O coletivo permite que a sociedade e os conviventes e usuários da "Cracolândia" se enxerguem de outra maneira e, através dos vínculos criados no Pagode, abre-se a possibilidade de iniciar um processo de construção conjunta de outras formas de viver com ou sem a droga. (PAGODE NA LATA, 2022)

O Pagode na lata, junto de outros coletivos do território, busca dar vida e esperança a uma região que se encontra constantemente em um cenário de guerra através das ações repressivas das polícias Militar (PM), Civil e da Guarda Civil Metropolitana (GCM) no fluxo. É uma iniciativa que aposta na saúde, entendendo a redução de danos como uma estratégia de saúde pública, e no fortalecimento da cultura do território.

O projeto organiza rodas no fluxo quinzenalmente que reúne trabalhadores e usuários em rodas equipadas de instrumentos, trocas e criação de vínculos, e direito à felicidade. A roda, no mesmo dia, segue para o Bar da Nice, ponto de apoio do pagode durante as apresentações e

ensaios, e lugar de acolhida para usuários, pessoas em situação de rua e trabalhadores da região, fazendo parte da rede de apoio do território.

A redução de danos é uma abordagem ética de cuidado que valoriza e acolhe as diversidades individuais. Prioriza a autonomia do indivíduo ao considerar a melhor maneira de minimizar os riscos e danos associados ao uso de drogas, buscando criar estratégias e construir caminhos que permitam à pessoa manter um uso que não interfira negativamente em outras áreas de sua vida, enquanto também respeita a possibilidade de escolha da pessoa pela abstinência. As estratégias variam desde a distribuição de insumos, como cachimbos e seringas, para prevenir ferimentos e infecções por doenças contagiosas, até iniciativas que visam garantir moradia e oportunidades de renda para os usuários. (PAGODE NA LATA, 2022)

O projeto entende o samba como insumo em si, ou seja, em vez de fornecer piteiras e cachimbos, promove rodas de samba no fluxo, onde os usuários podem trocar os cachimbos por instrumentos musicais, mesmo que apenas naquele momento em que se encontram no coletivo. Nas rodas, ao estabelecer vínculos sólidos e de confiança, as pessoas podem tocar, sorrir, brincar, dançar e podem iniciar um processo colaborativo de reflexão e construção de alternativas de vida, levando em consideração as necessidades individuais e coletivas de cada pessoa envolvida. Essas novas formas de viver podem incluir estratégias de redução de danos, apoio para a abstinência, acesso a tratamento e suporte emocional, visando o bem-estar e a saúde integral dos participantes.

"Quando fazemos uma roda e deixamos todos participarem, o próprio usuário reconhece a sua importância. Com essa abertura, podemos trocar ideias sobre práticas de redução de danos, desde a prevenção de doenças causadas pelo compartilhamento de cachimbos até a redução do uso de substâncias", explica Marquinho Maia, um dos organizadores do projeto, a uma reportagem do UOL sobre o coletivo. O samba que é feito nas rodas do Pagode na Lata e onde todos são bem vindos e importantes, possibilita uma abertura para a conversa da redução de danos, podendo até dizer que a própria música e o fazer o samba são uma estratégia de redução de danos.

1.3 O Pagode na Lata como dispositivo clínico: a música na promoção de redução de danos e seu papel terapêutico

música como insumo de redução de danos

redução de danos como parte de um processo terapêutico

2. JUSTIFICATIVA

Inicialmente, durante a concepção deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a intenção era focalizar minha pesquisa no contexto da rua e das pessoas em situação de rua, aproveitando a minha experiência profissional no Centro de São Paulo. Dentro desse recorte, minha atenção estava direcionada para o fenômeno do uso de substâncias psicoativas, mais especificamente nas "cenas de uso a céu aberto", particularmente no que se refere à área conhecida como "Cracolândia", uma urgência social em São Paulo e no país.

A prática da escuta territorial, desenvolvida pelo Prof. Dr. Jorge Broide, me proporcionou uma maior proximidade com esse território, permitindo-me observar e compreender mais profundamente seu fluxo e dinâmica. Contudo, devo enfatizar que a contemplação desse tema foi permeada por sentimentos de consternação e angústia, dada a complexidade e gravidade da situação.

A sobrevivência nas ruas e o fenômeno do uso de drogas associado a ela continuaram a ecoar em meus pensamentos. É crucial ressaltar que nunca encarei a questão das drogas e da "Cracolândia" de forma isolada. Reconheço-a como um fenômeno social intrinsecamente complexo e estruturante, um reflexo de uma realidade marcada por profunda vulnerabilidade e carência de políticas públicas eficazes. A discriminação e o estigma social, aliados a uma abordagem excessivamente punitiva, manicomial e centrada na abstinência, contribuem para a manutenção desse ciclo vicioso.

Através de uma disciplina eletiva focada neste tema, eu me envolvi com a abordagem da redução de danos, que oferece uma perspectiva humanizada e real sobre o fenômeno do uso de substâncias. Essa experiência despertou meu interesse em explorar possíveis conexões entre redução de danos e a psicanálise, abordagem teórica com a qual me identifico. Durante o semestre seguinte, em uma eletiva de pesquisa, dediquei-me ao estudo da prática da redução de danos e suas potenciais relações com alguns princípios da psicanálise.

Quando chegou o momento de delinear o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), meu trabalho de campo no território do Centro da cidade de São Paulo me reconduziu à temática das drogas. Inicialmente, considerei investigar a compulsão às drogas sob a ótica da psicanálise, porém, mesmo assim, ainda não estava completamente certa sobre o tema a ser abordado.

Durante uma de minhas incursões de campo e imersão no território, tive a oportunidade de conhecer o Bar da Nice e o Coletivo Pagode na Lata. Instantaneamente, percebi o potencial desses espaços como locais de acolhimento às pessoas que transitavam no fluxo, bem como de

promoção de redução de danos através da arte, mais precisamente, da música e das rodas de samba. O samba desempenha um papel significativo em minha vida pessoal, assumindo não apenas um aspecto de entretenimento, mas também uma dimensão terapêutica. Além disso, o contato com a cultura do samba, suas manifestações e sua rica história, continua a me encantar diariamente. A arte sempre desempenhou um papel central em minha existência, desde a infância, e acredito firmemente em sua capacidade transformadora e na sua potência de vida.

Após estabelecer contato com Nice, ouvir atentamente suas experiências e ideias, e imergir no ambiente acolhedor do bar, além de testemunhar o engajamento vibrante do Coletivo Pagode na Lata em suas atividades, fiquei convicta de que desejava abordar a temática da saúde e da redução de danos por outra via: a da música.

Além disso, enquanto ainda amadurecia a ideia em minha mente, vivenciei duas experiências profundamente significativas e enriquecedoras envolvendo a música e a rua. Uma delas ocorreu durante um trabalho na Chapelaria Social, uma instituição dedicada ao apoio da população em situação de rua, onde organizamos rodas de conversa temáticas. Em algumas dessas ocasiões, introduzimos a música como uma ferramenta e um disparador de discussões. Observamos que quando os participantes selecionavam músicas que lhe eram significativas, que evocavam memórias pessoais ou sentimentos profundos, isso despertava uma pulsão de vida.

Através desse encontro lúdico e da ressonância emocional provocada pelo uso da música, percebemos um despertar para a vida e uma atmosfera de nostalgia e reconexão com suas histórias e memórias. Foi incrivelmente gratificante e inspirador tanto observar quanto participar desse processo.

A segunda experiência ocorreu no final do ano passado, durante um atendimento nas ruas do Centro de São Paulo. Uma simples caixinha de som trouxe uma nova dimensão à atmosfera da "maloca". Nossos atendidos foram convidados a escolher músicas que evocavam alegria, mas também aquelas que carregavam consigo histórias de dor e superação. Cada escolha musical revelava camadas profundas de significado para aqueles presentes.

Mais uma vez, testemunhei a capacidade transformadora da arte, ao ver como ela trouxe vida à "maloca", proporcionando a cada indivíduo a oportunidade de expressar-se e compartilhar um pouco de sua própria história e identidade. Essas duas experiências reforçaram minha determinação em explorar essa temática em meu trabalho.

Para além disso, ao refletir sobre o trabalho no Centro e nas calçadas de São Paulo, frequentemente associei a vida nas ruas ao "horror", conceito explorado pelo Prof. Dr. Jorge Broide em uma entrevista realizada ao canal Inconsciente Coletivo, sobre o horror e o belo do

morar nas ruas. Pensava na extrema vulnerabilidade, nas dores e na loucura de se estar ali, diariamente exposto às adversidades das calçadas. Dentro desse contexto, as drogas surgem como uma parte integral do sobreviver nas ruas. A questão da compulsão nas ruas me intriga profundamente, especialmente ao me deparar com a realidade da "Cracolândia" e as cenas de uso a céu aberto.

O que me chama a atenção é o fato de que, no senso comum, as drogas são frequentemente vistas como as causadoras de todos os males, sem considerar que elas são, muitas vezes, na verdade, um reflexo de um fenômeno social complexo e multifacetado. É imperativo reconhecer que essa situação é consequência de uma série de fatores sociais, econômicos e políticos que necessitam de uma abordagem abrangente e sensível para serem plenamente compreendidos e abordados.

Ao caminhar pelo Centro e conhecer coletivos como o Pagode na Lata, percebi também a presença do "belo" nas ruas, conforme descrito por Broide. A partir dessas interações, compreendi como elementos potentes podem emergir das ruas, oferecendo auxílio significativo para aqueles que ali vivem. Em minha experiência pessoal, a arte sempre se revelou força vital e criadora, e percebi que essa potência se manifestava também nas ruas, especialmente em situações sociais críticas.

A arte e, mais especificamente a música e o samba, atuam como formas de luta, vida e resistência. O samba abre a possibilidade de contato com a ancestralidade, a história e a cultura, oferecendo uma conexão profunda com as raízes individuais e coletivas. Além disso, é evidente como projetos artísticos podem atuar na redução de danos, alterando a relação das pessoas com as drogas, mesmo que temporariamente. Participar de uma roda de samba, integrar um coletivo, tocar instrumentos e cantar junto a outros que compartilham uma realidade semelhante pode propiciar uma alteração na relação dos usuários com a droga, ainda que seja apenas por um breve momento.

3. OBJETIVOS

Meu contato com a música e com o samba e o papel potente que tomou na minha vida, me levou a me questionar como um projeto como o do Pagode na Lata, que tem a música como central, pode alcançar as pessoas, suas vidas, a realidade na "Cracolândia" e a questão com as drogas.

O trabalho tem como objetivo pesquisar como, através do coletivo Pagode na Lata, a música e, mais especificamente, o samba pode funcionar como um dispositivo clínico, promovendo redução de danos e agindo de maneira terapêutica no contexto da "Cracolândia", localizada no território do Campos Elíseos.

Dentro deste objetivo geral, o trabalho também tem como foco: caracterizar a área de estudo, o território do Campos Elíseos e a "Cracolândia"; apresentar o coletivo Pagode na Lata; entender o conceito de dispositivo clínico, redução de dano e papel terapêutico; refletir sobre a relação entre redução de danos e o papel terapêutico; levantar os impactos positivos do coletivo Pagode na Lata na área de estudo; verificar o papel da arte em situações de crise; e observar, no momento da roda de samba, os sujeitos que frequentam.

É importante destacar que, para além disso, concebe-se uma necessidade urgente de olhar para esses sujeitos que frequentam a "Cracolândia" invisibilizados pela sociedade e pelos órgãos públicos. Esse olhar deve ir além da questão das drogas e da compulsão, focando no indivíduo, em sua história e em suas potencialidades. É essencial adotar uma perspectiva humanizada, que muitas vezes está ausente em nossa sociedade, reconhecendo e valorizando a dignidade e a complexidade de cada pessoa. Dentro disso, e considerando o recorte do trabalho, a pesquisa busca olhar para esse cenário para além do que o nome "Cracolândia" remete, ou seja, olhando para a "Cracolândia" para além do crack e do "horror".

A questão do uso de drogas será abordada neste trabalho através do projeto do Pagode na Lata, que procura olhar para cada indivíduo na sua subjetividade, e para além do uso de drogas, e o que pode ser produzido e potencializado a partir do seu contato com a música das rodas de samba.

4. HIPÓTESE

A hipótese do meu trabalho é afirmar que a arte, mais especificamente, a música e o samba, através do projeto do Pagode na Lata, promove saúde mental e redução de danos, e pode ser um dispositivo terapêutico potente na realidade da rua/"Cracolândia".

Portanto, através desta pesquisa, busca-se comprovar que o som produzido no Pagode na Lata tem um papel terapêutico naqueles que estão ali ouvindo e participando das rodas de samba. Mais especificamente, com este trabalho gostaria de ratificar que a arte, mais especificamente, a música e o samba produzidos no coletivo podem se manifestar como um dispositivo clínico, que promove redução de danos e, portanto, é um dispositivo terapêutico potente na realidade da rua, no recorte específico da "Cracolândia" e dos frequentadores e usuários do fluxo, e também do Pagode na Lata.

2. PROCEDIMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

A presente pesquisa pretende fazer uso do método cartográfico, que se inspira nas ideias de Gilles Deleuze e Félix Guatarri, e que tem como caminho acompanhar os processos. No caso deste projeto, a pesquisadora acompanhará os processos da rua no circuito do coletivo Pagode Na Lata e os registrará através de um diário de campo. Para a captação das diversas dimensões do fenômeno, a coleta de dados utilizará para além da observação do território e da roda de samba e seu registro no diário de campo, eventuais entrevistas semiestruturadas.

Segundo Passos *et al* (2009) "conhecer a realidade é acompanhar seu processo de constituição, o que não pode se realizar sem uma imersão no plano da experiência. Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho. Esse é o caminho da pesquisa-intervenção." E esse é o caminho que esta pesquisa pretende seguir.

O diário de campo para além de um registro de acontecimento, abrange todas as condições afetivas do pesquisador ao longo do processo. É um diário que revela a intimidade do campo, colocando-o em análise, assim como a própria pesquisa o pesquisador. O diário de campo será representado através de crônicas das visitas ao Pagode na Lata. (VIDE EXEMPLOS NO ANEXO)

É necessário considerar que o trabalho da cartografia não pode ser realizado através de uma visão distante do fenômeno investigado. Pelo contrário, é sempre através do compartilhamento de um território existencial que o sujeito e o objeto da pesquisa se relacionam e se codeterminam. Através da cartografia utilizada na pesquisa, pretende-se habitar o território existencial singular do Pagode na Lata.

A habitação de um território existencial está mais ligada a uma disposição de composição do que à execução de normas técnicas. Não se visa a uma submissão ou um domínio do campo pesquisado, mas a um fazer com, compondo com os elementos envolvidos. Desde o trabalho de campo até a realização dos relatórios, a pesquisa cartográfica vai indicando ao aprendiz-cartógrafo certo cuidado de composição. Esse aprender **com** acaba por cultivar no aprendiz a necessidade e a disposição do engajamento no campo pesquisado. (PASSOS et al, 2009)

2.1 Participantes

Tendo em vista o problema de pesquisa e a inspiração para o mesmo, que veio do contato da pesquisadora com o projeto Pagode na Lata, a proposta é que os participantes da pesquisa que serão entrevistados sejam: a dona do bar que recebe o coletivo e dois participantes do coletivo maiores de 18 anos.

Os participantes serão selecionados através do contato da pesquisadora com o projeto, respeitando todos os cuidados éticos necessários.

2.2 Instrumentos

Observação das rodas do Pagode na Lata e registro de crônicas para formação do diário de campo. Gravação do que foi visto em campo e representação a partir das crônicas

Para a realização da coleta de dados no caso das entrevistas, a pesquisadora decidiu utilizar um roteiro de entrevista semiestruturada. As questões serão previamente preparadas, porém, conforme a condução da conversa com as pessoas, a entrevistadora poderá flexibilizar a ordem das perguntas, bem como excluir/adicionar perguntas de acordo com o que for surgindo no diálogo. A entrevista é direcionada a assuntos e interesses da pesquisadora através de um roteiro de perguntas principais, mas que podem contar com questões complementares trazidas nas falas dos participantes no momento da entrevista.

2.3 Procedimentos

À DEFINIR

2.4 Previsão de análise

A partir dos dados coletados nos diários de campo e nas eventuais entrevistas, a pesquisadora elaborará um "mapa" de análise que representará as conexões, os fluxos e o cruzamento dos significantes a partir das suas observações, tendo como foco a redução de danos e o papel terapêutico.

3. CRONOGRAMA

1º semestre de 2024:

1. Definição do tema do projeto e do recorte que farei (considerando que não conseguirei fazer uma pesquisa tão ampla);
2. Pesquisa teórica para produção de introdução e metodologia (detalhar metodologia para Comitê de Ética - pensar nas pessoas a serem entrevistadas);
3. Idas ao Pagode de segunda-feira → fazer um tipo de escuta territorial, conhecer as pessoas que frequentam, observar e conhecer mais do projeto;
4. Produção de um diário de campo a partir das idas;
5. Identificação de pessoas interessantes que podem contribuir para a pesquisa;
6. Seleção das pessoas a serem entrevistadas e contato com elas;
7. Roteiro das entrevistas;

2º semestre de 2024:

8. Idas ao Pagode (mês de agosto, setembro e primeira quinzena de outubro);
9. Atualização do diário de campo à partir das idas deste semestre;
10. Análise do diário de campo;
11. Entrevistas;
12. Transcrição das entrevistas;
13. Análise dos significantes
14. Construção de uma análise e conclusão.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROIDE, Jorge; BROIDE, Emilia Estivalet. **A psicanálise nas situações sociais críticas: metodologia clínica e intervenções**. 2 a Edição. São Paulo: Editora Escuta, 2016.

BROIDE, Jorge. **A clínica psicanalítica na cidade**. 2017.

BROIDE, Emilia Estivalet; BROIDE, Jorge; SCHOR, Silvia Maria (Coords). **População de rua: pesquisa social participativa e censo, perfil demográfico e condições de vida na cidade de São Paulo**. Coleção Práxis Psicanalítica. Curitiba: Juruá Editora, 2018.

CANAL Inconsciente Coletivo. **O horror e o belo: a psicanálise com moradores de rua**. Youtube, 28 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cyrd7ZDXtG4&t=9s> . Acesso em: 03 de fevereiro de 2024.

DANTO, Elizabeth. **As clínicas públicas de Freud: Psicanálise e justiça social**. [S. l.: s. n.], 2005.

DOTTA, Beatris Guarita. **No coração da Cracolândia da Luz: entre horrores, amores e resistência**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

LÓPEZ, PAULA. **Os Caminhos da Cracolândia, a maior feira de drogas do Brasil**. EL PAÍS. São Paulo, 16 de jan. de 2023. Disponível em: <https://elpais.com/america-futura/2023-01-16/os-caminhos-da-cracolandia-a-maior-feira-de-drogas-do-brasil.html>. Acesso em: 20 de mar. de 2024.

PAGODE na lata: como o samba pode combater o vício em crack? UOL. São Paulo, 16 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/pagode-na-lata/#cover> . Acesso em: 20 de mar de 2024.

PASSOS, Eduardo et al (orgs). **Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

ROSA, M. D. & DOMINGUES, E. (2010). **O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação.** *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 180-188.

texto escuta territorial do broide

5. APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

6. ANEXO

DIÁRIO DE CAMPO

CRÔNICA 08/04

Cheguei no Bar da Nice já com um olhar para os movimentos e pessoas que frequentam o lugar. Para onde iria o meu olhar? De antemão, já havia dividido o território em diferentes planos: os músicos, a dona do bar, os frequentadores e os "transeuntes", aqueles que passam por lá e vão embora, ou que apenas observam o que acontece no bar de longe (na outra calçada).

Já havia frequentado o Pagode, mas nunca o tinha visto tão vazio. Acho que era a chuva... Fui recebida com abraços pela Nice, e uma saudação de "quanto tempo!" Ela comentou com estranhamento sobre o esvaziamento do bar no dia. Apresentei ela ao meu pai, que me acompanhou no Pagode aquele dia.

Meu pai, filho do Centro, demonstrou certo medo quando chegamos no local do Pagode. Vi seu corpo rígido e atento. Aos poucos, consegui se soltar e até se emocionou com a atmosfera do lugar. No dia seguinte, e depois de pensar nos diferentes planos do projeto, me lembrei que na hora notei mudanças no corpo dele quando estava "fora" e "dentro"

Tentei andar pelos diferentes planos e públicos ali do Pagode. Fiquei dentro do bar, onde a roda com os músicos se encontra, e curti o samba bem pertinho deles. Reconheci quase todos os músicos, aquela era a formação padrão do grupo. Reparei na falta de mulheres na roda. Tirando a Nice, uma forte presença, e também parte do grupo. Ela entrava na cozinha, trazia uma cerveja para o grupo, dançava no meio da roda, puxava a palma da mão. O grupo trazia muito entrosamento e amizade, e possuía forte conexão com seus instrumentos e com o repertório cantado e tocado.

Falando mais especificamente da Nice... me sinto muito em casa quando estou no seu bar, e acho que é isso que ela tenta transmitir para todos ali. A imagem dela e o bar tem essa força no território. É apoio. É carinho. São braços e portas abertas. As pessoas podem chegar, entrar na cozinha, usar o banheiro, pedir água ou cachaça.

Do lado de fora, ainda na calçada do bar, mas fora da roda, vejo pessoas fazendo parte daquilo. Mas ainda de fora. Vejo um homem bêbado usando uma garrafa de cerveja como instrumento e fazendo um som muito legal, seguindo a música. Alguns se sentam em um banquinho do lado de fora. Um casal, que também parece sob uso de substâncias, dança ao som do Pagode na Lata. Um homem canta fazendo um microfone com a mão. Outro homem fala

que só poderia tocar na roda se parasse de beber. Ali fora vejo como a música chega de fato no público alvo do coletivo. Não sei se todas aquelas pessoas vinham do fluxo, mas traziam uma realidade de situações vulneráveis e também do uso de drogas, tão presente na região. Mas achei curioso como, mesmo participando daquilo, ainda pareciam distantes, "do lado de fora".

Olho para a calçada do outro lado da rua e vejo um outro plano. Pessoas só passando por ali, outras passavam cantando, outras observando e até indagando se poderiam se aproximar, outras pessoas curtiam o som da roda de longe, encostadas no prédio da outra calçada. Conversas também se davam do outro lado da rua bem como comércios. Talvez de drogas? Em alguns momentos, fiquei com a impressão que sim.

Fiquei pensando sobre as pessoas que acompanham o Pagode do fluxo ao bar. Onde elas estavam? E o que as atraía as que estavam ali, e chamava atenção para seguirem o coletivo?

CRÔNICA 03/06

Cheguei no Pagode e encontrei BH, colega de estágio na rua, amigo e orientador. Nos apoiamos em um carro em frente ao bar e ficamos ali observando a roda e curtindo o samba. Fui até a cozinha pedir uma cerveja para a Nice que, mais uma vez, me recebeu com um abraço super caloroso.

Naquele dia, o pagode estava bem mais cheio e o público era um pouco diferente. Notei menos pessoas do fluxo e mais famílias com crianças, casais e amigos que pareciam ser de uma outra classe social. Não me pareceu coincidência. A diminuição do público alvo do Pagode e aumento de um outro público. Percebi que mesas foram colocadas na calçada, bloqueando um pouco a passagem e o acesso à roda. Uma fronteira parecia posta.

Fiquei muito tempo observando um homem que sentou no chão encostado no prédio ao lado do bar, não fazendo parte corporalmente daquilo. Parecia não querer entrar (ou talvez não se sentia à vontade? tinha receios?), mas participava de longe, cantando todas as músicas escolhidas pelo coletivo, e gostando do que era tocado. Ele ficou um bom tempo ali. Curtindo de outra forma...

Percebi um alcance diferente da música naquele dia. Um alcance distante e passageiro, representado por pessoas que se encontravam dançando ao som do samba na calçada do outro lado ou na esquina do bar, ou por pessoas cantando ao transitar pela rua. Não estou querendo dizer que o efeito da música não era significativo, pois era, mas foi diferente.

A atmosfera era outra comparada a outras segundas. Fiquei pensando como cada vez no Pagode é diferente, como as mudanças são grandes, e as distâncias e as abrangências também.